



Aos 75, USP tem mais alunos e menos produção científica

Pesquisadores apontam justamente o aumento das matrículas como um dos motivos para a queda na produção científica

FÁBIO TAKAHASHI
DA REPORTAGEM LOCAL

A USP chega hoje aos 75 anos como a melhor universidade do país e com uma forte expansão em matrículas na graduação nos últimos anos. Por outro lado, há indicadores de produção de pesquisa em queda.

Segundo o anuário estatístico da instituição, o número de trabalhos científicos por docente vem caindo desde 2003. Era de 6,9 e chegou a 4,8 em 2007 (dado mais recente), uma redução de 30,4%.

O dado abrange atividades como publicações em revistas científicas e trabalhos em congressos. Ou seja, é um indicador amplo, que inclui as atividades nas diferentes áreas.

Pesquisadores apontam como um dos motivos para a queda na produção o crescimento das matrículas na graduação (27,7% nos últimos cinco anos). "O orçamento é finito. É preciso definir prioridades, tanto financeiras quanto de energia" afirma o ex-reitor Roberto Lobo, que preside um instituto de pesquisas sobre ensino superior. "Na pesquisa, a universidade atingiu um alto patamar e agora parece acomodada."

O presidente da Comissão de Planejamento da USP, Glaucius Oliva (grupo formado pela reitoria), afirmou que o tema preocupa a universidade. "Em parte é natural, pois os novos professores demoram um tempo para se adaptar. Também há uma preocupação em publicar melhor. Talvez estejamos um pouco lentos."

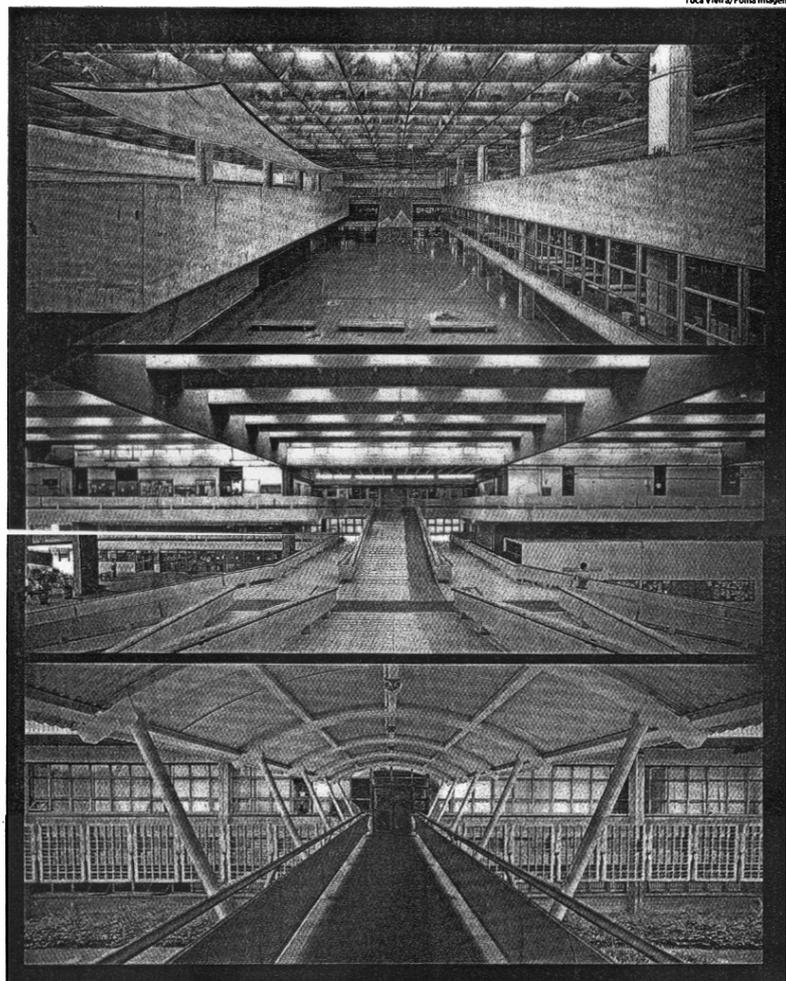
A redução no número de trabalhos por docente, porém, não foi uniforme. O Instituto de Física de São Carlos cresceu 20% em quatro anos — foram 17 trabalhos por professor.

A média na USP é de 4,8. Houve queda em unidades tradicionais, como as faculdades de Medicina (-68,7%) e de Direito (-78,7%) — especialistas ressaltam que a produção tem ritmos diferentes em cada área.

O total de trabalhos publicados também caiu — de 29,1 mil para 26,2 mil. O número de docentes cresceu 9,7%.

Por contrato, os professores com dedicação exclusiva (82,2% do total) são obrigados a fazer pesquisa, além das atividades de ensino. Os salários va-

Média trabalho/docente caiu 30,4% de 2003 a 2007; alunos de graduação cresceram 27,7%



Prédios da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (acima), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (ao centro) e da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, todos na Cidade Universitária, em São Paulo

riam de R\$ 3.000 a R\$ 9.000.

Em indicadores mais focados, como o número de artigos na base ISI (com 12 mil revistas científicas internacionais), há aumento de 55% de 2003 a 2007. Essa base abrange principalmente as ciências básicas (física e química, por exemplo).

Prioridades

A USP é cobrada, especialmente por movimentos sociais, a elevar a cobertura do ensino superior público no Estado (são 15% das matrículas, ante 85% do sistema privado).

Especialistas divergem sobre o papel da universidade na expansão na graduação. "A USP utilizaria melhor seus recursos se focasse na pesquisa, onde é líder. A massificação da graduação pode ser feita por instituições como as Fatecs", diz Lobo.

A USP recebe percentual fixo da arrecadação de impostos do Estado. A previsão neste ano é que o valor chegue a R\$ 3 bilhões (duas vezes os orçamentos somados das secretarias de Cultura e Meio Ambiente).

"A questão é o que a USP pretende ser. Ela vem da tradição de formar profissionais de alto nível e da pesquisa e pós-graduação", diz Simon Schwartzman, ex-presidente do IBGE e membro do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade. Segundo ele, a USP tem incorporado característica de universidade de massa, como o aumento de alunos de graduação.

Já o professor titular da USP Renato Janine Ribeiro, ex-diretor da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), defende a expansão na graduação. Para a sociedade, diz, a universidade é uma formadora de graduandos. "Se não aumentar seus alunos de graduação, há o risco de perder ou diminuir sua legitimidade política. Mas claro que não pode prejudicar a pesquisa."

Dois especialistas afirmaram que os dados presentes no anuário não são suficientes para concluir que há queda na produção da universidade.

Rogério Meneghini, especialista em cienciométrica (que estuda a produtividade em pesquisa), diz que o ideal é utilizar o número de trabalhos publicados na base ISI, "um dos sistemas mais confiáveis".

Ribeiro diz que a redução pode tanto indicar uma "preocupante queda na produção quanto um empenho" em só considerar as publicações mais respeitadas da área.

Unidades de São Carlos lideram em pesquisas por professor

DA REPORTAGEM LOCAL

Dois unidades de São Carlos — o Instituto de Física e o Instituto de Química — são as que possuem as maiores produções científicas por docente da USP.

A primeira registrou uma média de 17 trabalhos por professor em 2007; a segunda, de 13,5. A média na universidade foi de 4,8. Os dois institutos estiveram unidos até 1994.

"A tradição aqui sempre foi de preocupação com a produção", diz o diretor do Instituto de Física de São Carlos, Glaucius Oliva. "Há metas de publicação para cada docente. Mas ajuda também que o clima entre os professores é tranquilo."

No Instituto de Física da capital, a produção em 2007 foi de 4,3 — naquele ano, começaram denúncias de plágio entre professores da unidade.

"A vida no interior ajuda; não perdemos muito tempo no trânsito, por exemplo", afirma

Meta é aumentar participação do aluno no ensino

DA REPORTAGEM LOCAL

Alunos com maior participação no seu próprio aprendizado e mais pesquisas de impacto são algumas das metas da USP para seus próximos 25 anos.

As diretrizes foram definidas por uma comissão criada pela reitora Sueli Vilela, em 2007, que desde então consultou todas as unidades e consolidou as sugestões em workshops, realizados no final do ano passado.

A previsão é que, ainda neste primeiro semestre, seja publicado o livro "Planejando o Futuro: USP 2034".

Uma das conclusões foi que a universidade deve alterar a forma de ensino de graduação. "Hoje é o professor falando, e o estudante, ouvindo. Precisamos romper isso, com o aluno participando mais do próprio ensino", disse o presidente da Comissão de Planejamento,

Glaucius Oliva. (F7)